



Diálogos
de Formação
em
Economia Solidária

ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA: RESISTÊNCIA, FORMAÇÃO E BEM VIVER

CARTILHA FORMATIVA



Viamão-RS

SUMÁRIO

ABERTURA

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

1. TRABALHO CAPITALISTA X TRABALHO SOLIDÁRIO
 2. O QUE É ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA - EPS?
 3. COMO SER UM COLETIVO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA?
 4. COMUNICAÇÃO E REDES E CADEIAS PRODUTIVAS
-

CONSIDERAÇÕES FINAIS

EXPEDIENTE

A Cartilha ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA: RESISTÊNCIA, FORMAÇÃO E BEM VIVER, foi elaborada pelo CAMP em parceria com o Coletivo Diálogos de Resistência.

Porto Alegre, 2022.

Organização: Ana Maria Cruz

Revisão: Equipe CAMP e Coletivo Diálogos de Resistência

Imagens: CAMP – Escola de Cidadania e Coletivo Diálogos de Resistência

Conselho Diretor do CAMP: Adelto Rhor, Bernadete Konzen, Lucia Garcia, Mauri Cruz, Rosimar de Mattos e Selvino Heck

Secretária Executiva do CAMP: Daniela Oliveira Tolfo

Coordenação Pedagógica do CAMP: Marcia Falcão

Equipe do Projeto: Ana Maria Cruz e Jorge Carvalho

Projeto: Projeto Diálogos de Formação em Economia Solidária: geração de renda em Viamão/RS TF 915519/2021 - Ministério da Cidadania/Secretaria de Inclusão Produtiva/Departamento de Economia Solidária.

Redes Sociais:

<http://camp.org.br/>

<https://www.facebook.com/CampCidadania>

<https://www.youtube.com/user/camp1983ong>

ABERTURA

Olá,

Você acaba de receber nossa Cartilha Formativa ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA: RESISTÊNCIA, FORMAÇÃO E BEM VIVER, que faz parte do projeto do Projeto Diálogos de Formação em Economia Solidária: geração de renda em Viamão/RS.

Seja bem-vindo/a a esta oportunidade e aproveite todos os momentos dessa capacitação, pois é uma oportunidade única de formação em empreendimento coletivos e solidários. Para que possas aproveitar plenamente, vamos dar algumas sugestões. A primeira refere-se a suas expectativas, sempre quando ingressamos em algo novo ficamos ansiosos e cheios de pensamentos sobre como iremos aplicar o que aprendemos, nesse sentido sugerimos que VÁ COM CALMA, a primeira tarefa é absorver o que se aprende, tirar todas as dúvidas para quando fores colocar em prática estar bem seguro e confiante.

A segunda dica é bem simples, não vá fique com dúvidas, este é um espaço de aprendizado, sempre que precisar pergunte, discorde e apresente suas opiniões.

A terceira e última refere-se a tornar o espaço de capacitação em um local de trocas e amizade, converse com todos, crie grupos de amigos e transforme esse espaço em um local agradável de participar.

Esperamos que ao final deste processo os grupos, coletivos e empreendimento constituídos, possam seguir firmes e fortes gerando renda aos seus participantes e contribuindo para uma economia local solidária e justa.

Bom proveito e abraços solidários!

APRESENTAÇÃO

O projeto Diálogos de Formação em Economia Solidária, foi resultado de uma ampla discussão de alguns homens e mulheres do município de Viamão, que mobilizaram esforços para captar recursos que viabilizassem a formação coletiva em empreendimentos solidários na cidade, em especial para mulheres e jovens que possuem dificuldade de se inserir no mercado formal. O coletivo Diálogos de Resistência juntamente com o CAMP, desenvolveram então a parceria e através do projeto Diálogos de Formação (TF915519/2021) captaram recursos de emenda parlamentar no Dep. Henrique Fontana-PT/RS que possibilitou a capacitação e desenvolvimento de cursos formativos em economia popular solidária. O público beneficiário do projeto são mulheres e jovens que busquem a melhoria da sua condição econômica e social, em cursos de corte costura, hortas urbanas, reciclagem e audiovisual. Após a capacitação

em economia popular solidária e o aprendizado prático de cada curso, os participantes terão condições de desenvolverem suas atividades de forma autônoma e sustentável.

A palavra “campo” e a sigla CAMP são semelhantes, mas as similaridades não se limitam à grafia. Ambas têm relação com o verbo semear. No campo, semeia-se alimentos, no CAMP semeia-se conhecimentos e transformações. Criado em 1983, o Centro de Assessoria Multiprofissional (CAMP), hoje identificado como Escola de Cidadania, trabalha na articulação de lideranças e coletivos envolvidas/os com Educação Popular, voltados aos movimentos sociais, com o objetivo de fortalecer a conquista e a defesa de direitos. Com esse propósito, desenvolve ações para formação de educadores em Economia Solidária, e defesa de direitos.

O coletivo Instituto Diálogos de Resistência, é uma organização da sociedade civil, criada em 2016, por companheiros/as educadores/as em sua maioria, amigos/as e parceiros/as de vida há mais de 25 anos

inseridos/as em movimentos sociais no município de Viamão e no Rio Grande do Sul. Suas práticas sociais e políticas estendem-se desde movimentos culturais, ambientalistas, formação de jovens, movimento de negros e negras, feminismo, indigenismo e a economia solidária como uma das formas de geração de renda. O nome desta organização valoriza a troca de experiências na perspectiva do diálogo e a democracia em sua radicalidade, assim como a resistência como modos de vida.

Nós do CAMP e do Coletivo Diálogos de Resistência, temos a certeza que, como nós, cada um e cada uma de vocês irá aprender muito com as informações aqui organizadas. Para nós, fica mais uma vez a certeza da importância da metodologia e da ética da Educação Popular, única forma efetiva de se construir processos de aprendizados coletivos com pessoas em grave situação de vulnerabilidade social. Este aprendizado o CAMP vem aperfeiçoando a cada dia, ao criar condições para que as no-

vas gerações de educadoras e educadores populares experimentem novas dinâmicas, metodologias e ferramentas. E mais: Inovem e renovem nosso arsenal de metodologias de participação, reflexão, construção e sistematização coletivas

Cada conjunto de temas tratados traz algumas sugestões de atividades para serem realizadas pelos grupos.

Vamos começar?



INTRODUÇÃO

Todos pensamos em melhorar nossas vidas e das pessoas que estão no nosso entorno, mas encontramos inúmeros desafios pelo caminho. Em nosso país, todos percebemos que a desigualdade é imensa, tanto em recursos para viver uma vida digna, como também em oportunidades para sairmos das condições mais precárias de sustentação: falta de oportunidades de trabalho, com desemprego em taxas elevadíssimas; precárias condições na educação de qualidade, com sucateamento das escolas públicas; sucateamento do sistema único de saúde - SUS; risco nutricional elevado, com mais de 33 milhões de pessoas passando fome ou com alimentação precária². Tal situação teve suas condições pioradas na última década. Como as pessoas descendentes de povos escravizados pelos colonizadores durante alguns séculos, são elas que tem sofrido muito com esta herança nas periferias urbanas. Além disso, temos também

o caso dos povos originários com seus descendentes em nosso município de Viamão que enfrentam com esta situação de produção de desigualdades e com a falta de oportunidades de buscarem formas do “bem viver”

Os exemplos acima refletem a nossa vida na sociedade capitalista, onde cada grupo de pessoas percorre um tipo de estrada. Alguns andam rápido e quase não enfrentam dificuldades no caminho, esses são os ricos. Outros percorrem uma estrada cheia de buracos, lamas e pouca luz, estes são trabalhadores pobres. Já muitos, estão perdidos em uma trilha no meio da floresta (extremamente pobres). Ouvimos muitos jornais falando de economia, em alta do dólar, preço do petróleo, bolsa de valores. Mas você já pensou o que isso tudo tem a ver com a gente? TEM TUDO A VER!

² <https://www.oxfam.org.br/noticias/fome-avanca-no-brasil-em-2022-e-atinge-331-milhoes-de-pessoas/>

A palavra economia tem origem em duas palavras gregas: “OIKOS” que significa CASA e a palavra “NOMIEN” que significa GERENCIAR. Por isso, se diz que a economia é a arte de gerenciar a nossa casa.

Em todas as épocas da humanidade se praticou alguma forma de economia. Atualmente, a economia capitalista se baseia na competição entre as pessoas. Para alguém ganhar, outra pessoa vai ter que perder. O problema é que esta forma de fazer economia gera desigualdades. A cada ciclo econômico, alguns poucos vão ficando mais ricos e a maioria vai ficando mais

pobre, aprofundando as desigualdades. Por isso se diz que no capitalismo a sociedade é dividida em classes. No Brasil essa situação é ainda mais grave porque o início desta concorrência já foi desigual. Os pobres e principalmente, os descendentes dos povos africanos escravizados nunca tiveram igualdade de oportunidade de acesso às terras, a educação de qualidade, a saúde e a formação tecnológica e assim, enfrentam enormes dificuldades de acender em outras classes sociais.



1. TRABALHO CAPITALISTA X TRABALHO SOLIDÁRIO

TRABALHO E TRABALHADOR/A

O trabalho é uma atividade social que visa transformar o meio em que se vive para a realização de objetivos. A atividade do trabalho é um dos principais fatores do desenvolvimento, indispensável à existência humana. A relação humana X natureza, só existe em função do trabalho, pois este transforma a matéria vinda da natureza em riquezas, ao mesmo tempo em que transforma os próprios trabalhadores/as. Entretanto, a natureza do trabalho varia e muito se ele estiver inserido em uma economia capitalista ou, ao contrário, em um contexto de Economia Solidária.

Na sociedade antiga, a organização entre homens e mulheres se fundamentava na propriedade coletiva e nos laços de sangue. Na sociedade que começou a dividir-se em classes², a propriedade passou a ser privada e os laços de sangue retrocederam diante do novo vínculo estabelecido pela escravidão. Todas as sociedades, de uma forma ou de outra, têm um modo de organização e produção hegemônicas³, com tensões diferenciadas e características próprias de cada contexto histórico.

QUEM É TRABALHADOR/A?

Quem é o ser Trabalhador/a Trabalhador/a são todas as pessoas que desenvolvem algum tipo de trabalho para sobreviver, não necessariamente remunerado. Exemplo: fazer ou cozinhar o alimento que vai comer, tomar banho, escovar os dentes, entre outros.

São trabalhos realizados para garantir a sobrevivência de cada pessoa, no entanto ninguém paga para o outro fazer isso. Neste sentido, o trabalho deve servir para a emancipação humana.

2 Classes sociais: Segundo IBGE, é a divisão social por critérios econômicos utilizado o critério por faixas de salário mínimo, classificadas da classe A até a E. Por exemplo, a classe A compreende pessoas que vivem com mais de 20 salários mínimos por mês, enquanto a E é de até 2 salários.

3 Hegemônica: Dominância de uma classe social em relação ideológica, social e econômica em relação as outras.

COMO SE DÁ ÀS RELAÇÕES DE TRABALHO NO SISTEMA CAPITALISTA?

No Sistema Capitalista não existe uma relação do trabalho com o trabalhador. O processo produtivo é em grande escala e o trabalhador/a é considerado/a uma peça da produção. Essa peça (trabalhador/a) pode ser substituída a qualquer momento, se apresentar falha na produção. O valor monetário repassado a este trabalhador/a não foi pensado de forma que viesse a garantir sua existência plena, mas sim garantir o lucro e o acúmulo de capital do patrão. No Sistema Capitalista, em todas as esferas da sociedade, existe um que manda e o outro que obedece, aquele que pensa e o outro que executa. As relações de poder são de cima para baixo, quanto mais dinheiro, mais poder o indivíduo tem. Essa relação do trabalhador/a com o Sistema Capitalista vem se esgotando, primeiro porque esse sistema não suporta ou acolhe a todos, segundo porque os trabalhadores/as não querem e nem conseguem aceitar este tipo de dominação. Os tempos são outros, os trabalhadores/as estão percebendo o quanto esse sistema serve para mantê-los aprisionados na miséria, garantindo assim que o Sistema Capitalista continue existindo. Em contraponto a este Sistema Capitalista, um grupo de trabalhadores/as, instituições religiosas, universitários/as e movimentos sociais buscam criar oportunidades de geração de trabalho e renda.

Baseado em uma outra economia possível, em que a pessoa, a vida e o cuidado com o outro são os eixos centrais. O trabalho passa a ser um fator para garantir essa relação. Sendo assim, começa a surgir a proposta de um novo sistema econômico.

O SISTEMA CAPITALISTA É A ÚNICA FORMA DE ECONÔMICA POSSÍVEL?

Mas a definição de economia não é a arte de gerenciar a nossa casa? E alguém pensa em organizar a casa gerando competição entre irmãos e irmãs? Claro que NÃO, por isso, para enfrentar a pobreza, a maioria das pessoas buscaram formas de se ajudarem umas às outras. Este é um processo natural, a competição do capitalismo só enfraquece a sociedade e os recursos naturais. Essas formas individuais ou coletivas foram se tornando um novo jeito de fazer economia que hoje chamamos de Economia Solidária.

Ela é chamada Economia Solidária porque o objetivo dos grupos e dos empreendimentos não é o lucro, mas a qualidade da vida da maioria das pessoas. Para a Economia Solidária não tem sentido a competição e

sim a solidariedade. Afinal, ninguém consegue fazer nada sozinho. Mesmo o dono de uma empresa precisa das pessoas que nela trabalham e das pessoas que irão consumir seus produtos. Na economia, como em nossa casa, somos todos dependentes uns dos outros. Por isso, a melhor forma de organizarmos a economia é com solidariedade.

LUGAR AO SOL

O sol ilumina e agrega. A solidariedade também. O sol gira, mas não impede os planetas de girar por si, com autonomia e independência. A solidariedade também. O sol é fonte de vida e a solidariedade – mais especificamente a economia solidária – é fonte de uma nova vida mais justa e digna.

POR ISSO, PENSAMOS DE UMA FORMA SOL-IDÁRIA.

Ela chega trazendo luz. Mas não uma luz produzida por pessoas pretensamente “iluminadas” que se julgam capazes de ditar fórmulas e implantar seus valores a todos os cidadãos. A luz que vem do debate, da reflexão coletiva e da inspiração de quem já viveu experiências compartilhadas e das oficinas realizadas ao longo do Projeto Diálogos de Formação, Conecta Vivências. Ela está aqui para guiar, passo a passo, a caminhada de um empreendimento baseado na Economia Solidária

Leia, ilumine-se e lute por seus direitos.

<https://youtu.be/LI5DH1mnX4E> - vídeo Selvino

ATIVIDADE 01

I - Qual conhecimento/habilidades você ou seu grupo possui que possa compartilhar?

ATIVIDADE 02

De forma individual, responda:

I – Na sua opinião, o que é um trabalhador?

II – Como é ou como se deu a sua relação com trabalho formal?

III – De que forma seus conhecimentos/habilidades foram valorizadas na nossa sociedade capitalista?

2. O QUE É ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA - EPS?

A Economia Popular Solidária, pode ser definida como um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para se viver bem. Uma forma diferente porque prioriza o ser humano ao invés do dinheiro; a divisão do trabalho; tem como prioridade a preservação da natureza, a sustentabilidade e não a exploração do meio ambiente. A economia solidária não é uma pratica nova, ela já existia na forma com que os povos indígenas e os povos de matriz africana se relacionavam com a produção e consumo. Nesse modelo de economia não há exploradores e explorados, pois o objetivo não é gerar riqueza através da acumulação, da destruição da natureza e da exploração do indivíduo, mas sim, buscar a garantia de que todos os trabalhadores possam ter qualidade de vida a partir do resultado do seu trabalho.

A Economia Popular Solidária é um processo de luta, em que os trabalhadores/as buscam meios para melhorar suas condições de existência. Os trabalhadores/as estão se unindo para fazer Economia Solidária porque os frutos do Sistema Capitalista são amargos: desemprego, falta de terra para plantar, destruição do meio ambiente, ricos ficando cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. É isso que acontece quando o dinheiro vem em primeiro lugar. Na Economia Solidária o mais importante é a vida, são as pessoas.

As organizações e coletivos de Economia Solidária podem ser de produção, comercialização ou serviços. Estes grupos podem ser formalizados (ter uma forma jurídica, um CNPJ, emitir nota fiscal) ou não. O importante é que o processo do trabalho seja desenvolvido coletivamente seguido pelos princípios da Economia Solidária.

PRINCÍPIOS DA ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA - EPS

Autonomia: O coletivo deve ser capaz de tomar suas próprias decisões, evitando que pessoas, grupos, partidos políticos ou outros fatores externos possam influenciar nas suas escolhas ou processos.

Democracia: Em um coletivo da Economia Solidária, todos os integrantes devem ter direito a voz. Direito que deve ser igualitário, a partir das suas diferenças.

Solidariedade: O grupo de Economia Solidária precisa embasar suas relações pessoais no coletivo pela

solidariedade. Entretanto, essa solidariedade não é uma ajuda apenas. Solidariedade é informar, é dividir o que se sabe e o que se tem, é ter com- paixão, é ter cuidado com o outro.

Cooperação: O princípio da cooperação guia o processo do trabalho individual para o trabalho coletivo, fazendo com que cada pessoa contribua com a outra. O sentido é possibilitar que, a partir de uma ação conjunta, o coletivo chegue em um objetivo comum.

Respeito a natureza: A Economia Solidária prima por uma mudança do sistema econômico que valoriza a vida. Neste sentido, promover ações que reflitam e pensem o processo produtivo e do trabalho, respeitando o meio ambiente, é fundamental para a transformação social.

Comércio justo: é uma prática de comercialização voltada para os valores de justiça social e solidariedade, realizada pelos empreendimentos econômicos solidários. Nesta prática, os coletivos precificam seu produto a partir do valor da matéria prima e do trabalho.

Consumo consciente: tem como objetivo fazer com que o coletivo adquira apenas o que necessita, sem criar excedentes. Também sinaliza ao coletivo que as relações com empresas que agredem a natureza vão contra os princípios: o respeito a natureza e a valorização social do trabalho humano.

A valorização do trabalho humano: serve para sinalizar que todo trabalho é digno e que não deve existir uma valorização/ reconhecimento a mais por diferenças de tarefas de trabalho. O que precisamos é discutir quais as necessidades de cada indivíduo e o que cada pessoa precisa para viver bem.

Valorização da diversidade e reconhecimento: do papel fundamental da mulher e do feminino e a valorização da diversidade, sem discriminar crença, cor, orientação sexual e qualquer tipo de deficiência.

Autogestão: Todos/as os/as integrantes são responsáveis pelo processo administrativo, político e pedagógico do coletivo. Não deve existir quem manda mais ou quem manda menos, mas pessoas de referências para cada processo que envolva a organização do grupo.

Ao conhecer os princípios dessa nova economia percebe-se logo que não é apenas para compensar os resultados da exclusão social provocada pelo Sistema Capitalista ou para dar uma resposta ao desemprego. Veio para mostrar uma nova forma de organização social e econômica, a favor da vida, capaz de integrar solidariamente a sociedade.

QUAIS SÃO AS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA?

A Economia Solidária está crescendo, centenas de pessoas e coletivos vem se apropriando desta forma de organização. É um movimento do qual participam três grupos principais:

Os Empreendimentos Econômicos Solidários são organizações com as seguintes características:

1. Associações, cooperativas, empresas auto gerenciáveis, clubes de trocas, redes, grupos produtivos, etc.
2. Seus participantes ou sócios/os são trabalhadores/as do meio urbano e/ou rural que exercem coletivamente a gestão das atividades, assim como a alocação dos resultados.
3. São organizações permanentes, incluindo os empreendimentos que estão em funcionamento e os que estão em processo de implantação, com o grupo de participantes constituído e as atividades econômicas definidas

COMO SE DÁ AS RELAÇÕES DE TRABALHO EM UM EMPREENDIMENTO ECONÔMICO POPULAR SOLIDÁRIO?

Nos empreendimentos de economia solidária não existe patrão, portanto, não existe empregado. Todas e todos são trabalhadoras/es autônomos. Ninguém manda em ninguém. Todos são sócios cooperados. Todos são donos dos equipamentos e das ferramentas que utilizam em seu trabalho. O grupo é de responsabilidade de todos e todas. Isso não quer dizer que não haja responsabilidades individuais. Costuma-se dizer que nos grupos de economia solidária as discussões são coletivas, mas, após decidido em reunião, as responsabilidades são de cada indivíduo.

As decisões que se referem ao que será produzido, como será produzido, quando e quanto produzir devem ser tomadas em conjunto pelo grupo. Os problemas devem ser levados para as reuniões onde o coletivo discute e decide. Todo tem direito a dar sua opinião e a decidir, caso necessário, pelo voto. Todos os participantes do empreendimento devem se interessar pela organização, fazer questão de participar das decisões que precisam ser tomadas e comprometem-se com o que o coletivo decide.

Essa dinâmica de autogestão, democrática e participativa não é fácil. As pessoas são diferentes, possuem opiniões e formas de pensar diferentes. Por isso, a primeira regra é o respeito as opiniões e pensamento daquelas pessoas que pensam diferente de mim.

Uma das formas de garantir a autogestão é organizar a divisão das tarefas de forma que todas as pessoas, em algum momento, sejam desafiadas a executar cada atividade que compõe o empreendimento. Essa prática, socializa os saberes e permite que cada um se encontre naquilo que acha mais capaz. Se há atividades chatas, pesadas ou mesmo estressantes, é importante que o conjunto do grupo divida sua execução para não sobrecarregar apenas um ou um pequeno grupo dentro do empreendimento.

Dessa forma, o valor do trabalho na Economia Solidária é medido pelo quanto cada integrante está disposto a trabalhar e não necessariamente pelo que ele trabalhou. Apropriar-se e trocar conhecimento tornam o trabalhador/a protagonista da sua história. Ele se responsabiliza por garantir a sua existência e não mais o outro, como no Sistema Capitalista. Reconhecer que não sabe tudo e estar disposto a aprender impulsiona o coletivo e estimula o sujeito a superar diversos desafios durante a construção do processo.

ATIVIDADE 03

Vamos nos organizar em pequenos grupos e conversar sobre as questões apresentadas a seguir, lembrando que: cada grupo deve permitir que todas as pessoas deem sua opinião; cada grupo deve escolher uma pessoa para relatar aos outros grupos as ideias que foram comentadas.

I - Liste alguns empreendimentos, grupos de economia solidária que você conhece na cidade?

II- Descreva as principais características destes grupos

III- Descreva os principais problemas destes grupos

ATIVIDADE 04

Vamos nos organizar em pequenos grupos e conversar sobre as questões apresentadas a seguir, lembrando que: cada grupo deve permitir que todas as pessoas deem sua opinião; cada grupo deve escolher uma pessoa para relatar aos outros grupos as ideias que foram comentadas.

I -Você concorda com estes princípios da Economia Solidária? Por que?

II- Qual dos princípios você acha mais importante para a economia solidária? Por que?

III – Qual o princípio mais difícil de ser colocado em prática? Por que?

ATIVIDADE 05

Vamos nos organizar em pequenos grupos e conversar sobre as questões apresentadas a seguir, lembrando que: cada grupo deve permitir que todas as pessoas deem sua opinião; cada grupo deve escolher uma pessoa para relatar aos outros grupos as ideias que foram comentadas.

I – Que tipo de atividade de Geração de Trabalho e Renda gostaria de fazer. Ex: costurar bolsas, reciclagem de tampinhas?

II- Qual tipo de empreendimento mais se encaixa com essa atividade econômica. Ex: cooperativa, MEI, Associação?

III – Quantas habilidades/processos necessita-se para realizar essa atividade. Ex: Produção, finanças, venda?

3. COMO SER UM COLETIVO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA?

Há vários formatos de organização de empreendimentos de economia solidária. Um dos formatos é a própria informalidade, ou seja, os grupos não buscam sua legalização perante os órgãos públicos. Esta opção decorre tanto dos custos necessários para legalizar e manter em dia um empreendimento, quanto a sazonalidade de comercialização de produtos. Se não há receitas todos os meses, manter um empreendimento legalizado gera um custo mensal que precisa ser avaliado sua necessidade. No entanto, mesmo que não ocorra a formalização os empreendimentos solidários existem uma série de ações importantes que o coletivo precisa trilhar para que se possa ter o resultado que o grupo espera.

A proposta de passo a passo que propomos aqui, é resultado do acúmulo dos 40 anos de experiências em grupos/coletivos que o CAMP apoia, e tem como objetivo ser um guia para que novos empreendimentos se formem e obtenham os resultados esperados.

PASSO A PASSO PARA SER UM COLETIVO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA

A constituição de um coletivo de trabalho de Economia Solidária se dá a partir de pessoas que partilham de um interesse ou necessidade em comum. Esta formação requer sensibilidade dos participantes para que estes percebam que todos sabem algo e que podem trocar com os outros, assim o aprendizado é resultado da troca coletiva. Cada grupo de pessoas que busca formar um coletivo tem características específicas como território, rotinas e dinâmicas de vida. Sendo assim, é fundamental que se tenha atenção a estas questões na hora de iniciar as formações.

Nos conhecendo....

DINÂMICA DE GRUPO

Para a criação e consolidação de um coletivo de Economia Solidária é necessário que as pessoas se conheçam e se reconheçam. Para isso, sugerimos a dinâmica do Mundo do Trabalho na qual cada participante relata suas memórias sobre o trabalho. Esta roda de conversa possibilita a exposição de percepções sobre as

atividades, memórias afetivas, assim os integrantes se aproximem com empatia diante os relatos um dos outros. No fechamento das falas, o mediador/a explica o que é Economia Solidária.

CRIANDO UM COLETIVO/GRUPO

Essa etapa consiste em entender onde cada um pode contribuir no grupo, onde as identidades acontecem. Para isso é necessário pensar nos meios de trabalho comuns aos integrantes do coletivo ou mesmo quais os serviços que poderão ser ofertados. Para contribuir com as reflexões do coletivo de trabalho sugerimos visitar coletivos de trabalhos já existentes. Tomando contato com essas experiências, a partir de relatos, perguntas, dúvidas, o coletivo pode perceber a realidade e se inspirar.

Para definir o coletivo são necessários muitos diálogos em rodas de conversa, as saídas de campo, as dinâmicas são estímulos para que os participantes mostrem, relatem seus saberes e fazeres. Com esta troca podem refletir sobre o objetivo do coletivo de trabalho. O foco do coletivo pode variar por diversos seguimentos, desde a geração de renda, empoderamento dos integrantes, trabalho coletivo, compras coletivas, comercialização, trocas, entre outros. O importante é estabelecer, já no início do trabalho, o que realmente une as pessoas envolvidas, deixando de lado a formalização do grupo. COMECEM A PRODUZIR. Firmado que o coletivo tem um caminho a seguir, mesmo que incerto, é possível dizer que o coletivo de trabalho já existe e os primeiros passos foram dados rumo de todo o trabalho.

PRODUTO OU SERVIÇO?

A definição técnica de produto é bastante simples e de fácil entendimento, sendo um PRODUTO tudo aquilo que é resultado de uma produção, ou seja, aquilo que é resultado de um trabalho ou atividade e que pode ser vendido por um valor. Já um serviço é um conjunto de atividades de trabalho que visa servir/atender uma necessidade de um cliente.

Decidir o que o coletivo irá produzir e/ou qual serviço irá prestar não é tarefa fácil. Para chegar a essa determinação é necessário retomar algumas das reflexões feitas nas oficinas anteriores, principalmente as que são voltadas ao saber-fazer.

De forma prática para definição inicial de um produto/serviço é preciso que o coletivo tenha dois elementos em mente. O primeiro está relacionado a expertise que o grupo possui (O QUE FAZER?) e o segundo é identificar quais as principais demandas do mercado (PARA QUEM?).

Sob o primeiro aspecto, é importante que o coletivo tenha mais de uma proposta de produto e faça a experiência de produzir cada um para avaliar o processo e decidir qual será investido. Neste momento de escolha, é bom levar em consideração a afinidade de cada participante com o processo produtivo, pois gostar do que se faz é um elemento essencial para atingir o resultado esperado.

Sob o segundo aspecto, é importante realizar uma pesquisa de mercado que visa identificar as principais demandas dos clientes. Com isso, o coletivo terá muito claro quais os principais clientes e quais as formas de atendimento de suas demandas.

DEFININDO O PRODUTO

Alguns itens são fundamentais para definir produto: qual o local adequado para produção, qual espaço físico demanda, quais equipamentos precisa, qual investimento em insumos, quanto tempo de produção, onde pode ser comercializado, possível comprador/a, entre outras questões que possam surgir. Estes questionamentos guia o grupo e criam condições para realizara produção. Iniciamos o planejamento de produção com o levantamento de todos os materiais necessários, como: estrutura física, materiais permanentes, insumos e tempo de trabalho.

Insumos: São todos os materiais utilizados na produção do produto. Normalmente eles têm um prazo de validade e precisam ser adquiridos a cada nova produção ou conforme demanda.

Estrutura física: é o espaço que será utilizado para a produção. Esse espaço pode ser cedido, alugado ou comprado, mas seja qual for o caso, existe um custo para mantê-lo. Esse custo pode ser fixo ou variável. Ex.: aluguel, condomínio, energia elétrica, internet, telefone, água etc.

Materiais Permanentes: são os materiais utiliza dos para produção e estes têm um tempo de duração que ultrapassa o da produção. No entanto, também eles apresentam desgaste ao longo do tempo e por isso precisa ser reservado um valor para a reposição destes. Ex.: balcão, gás, pia, fogão, mesa, forma, colher, entre outros.

Pessoas/Habilidades: são as pessoas diretamente envolvidas nas etapas do produto, sendo necessária elencar e definir não apenas as pessoas que realizam diretamente a confecção do produto, mas também aquelas que comercializam, as que divulgam, as que gerenciam e as limpam tudo. Assim, propõe-se a criação de um quadro de tarefas, onde cada um assumi um papel no processo.

Nesta etapa não é necessário elencar os custos associados a produção, este item iremos abordar nos próximos capítulos.

PESQUISA DE MERCADO

Uma pesquisa de mercado é uma estratégia de Marketing fundamental para o desenvolvimento de um produto/serviço. Consiste em entender como se dá a relação consumidor/mercado através de uma pesquisa de campo. Para isso, é necessário ter um produto e testa-lo junto aos consumidores que se deseja vender. A aplicação de uma pesquisa rápida é o caminho mais eficaz.

EXERCITANDO NA PRÁTICA

Imagine, por exemplo, que você está querendo vender tomate orgânicos e decide vende-los para os grandes mercados da cidade. Após um mês da primeira compra, os mercados retornam não querendo mais adquirir pois não vendem nada. Desiludido, você decide vender na feirinha de sábado no seu bairro e para sua surpresa suas vendas crescem em 200%. Sem entender o motivo, decidimos realizar uma pesquisa de mercado para elucidar o perfil de consumo de tomate dos moradores da cidade. Após aplicar a pesquisa em diversos ambientes na cidade, descobrimos que os consumidores do mercado preferem um tomate mais baratos, maiores e sem marcas. Já os consumidores do bairro, tem uma preferência pelo sabor do tomate, não se importam em pagar um pouco mais e consumir produtos sem veneno de agrotóxico.

Qual a explicação podemos obter com esse exemplo acima?

Percebemos no exemplo acima, que após realizar uma pesquisa de mercado conseguimos obter nosso nicho de mercado e assim, criamos um canal efetivo de produção e venda.

O propósito principal de conduzir uma pesquisa de mercado é entender o mercado/cliente, e desta forma compreender como o público irá reagir ao seu novo produto ou serviço.

COMPOSIÇÃO DOS CUSTOS

Para garantir a viabilidade econômica de um empreendimento de economia solidária uma das questões chaves é dominar a composição dos custos de produção e de comercialização para poder definir a política de preços do produto e ou do serviço.

Certo que, em uma disputa comercial com outros empreendimentos, sempre poderá ser necessário que se pratique alguma margem de redução de preço ou mesmo de desconto. Mas mesmo esta margem não pode ser com base no sentimento da hora e sim em planilhas e controles sobre os custos de produção.

Pode-se dividir os custos de produção em quatro categorias:

Custos Fixos: são aqueles que existem independente do volume de produção ou de prestação de serviços, tais como, aluguel de espaço, prestação de máquinas e equipamentos

Custos Variáveis: são aqueles que somente existem se houver a produção do produto ou a prestação do serviço.

Custos Diretos: são aqueles que dizem respeito a produção do produto ou a prestação do serviço, sendo indispensáveis para a produção do produto ou serviço. Ainda no exemplo da padaria, sem farinha, ovos, sal, água, fermento e forno e o padeiro não se produz pão.

Custos Indiretos: são aqueles que não dizem respeito a produção diretamente, como o aluguel, o contador, o transporte, a estocagem, a divulgação eventual promoções, etc.

Após fazer o levantamento de infraestrutura, insumos e materiais, listaremos o valor de cada item para chegar ao preço do produto. Aqui também é necessário calcular o tempo de produção. E a melhor maneira de ter essa informação é produzir. Isso ajudará na reflexão sobre o valor do trabalho e o quanto se utilizou de energia elétrica, entre outros itens do processo produtivo. Para calcular o valor de cada insumo, temos que saber o valor total deste insumo e dividir pela quantidade utilizada

O VALOR DO NOSSO TRABALHO

Para refletir sobre o valor do trabalho, podemos utilizar dinâmicas como a “chuva de ideias” a partir de questões como O que é e para que serve o trabalho? De que forma o Sistema Capitalista se relaciona e potencializa o trabalho e qual a relação da Economia Solidária com ele? Sabendo da importância dessa relação para a garantia da existência humana, passamos para outra grande reflexão: o que cada uma precisa para viver? Esse é o momento de trazer e explicar o conceito sobre a diferença entre o “viver bem” e o “bem viver”. A partir deste ponto, é possível começar a valorizar monetariamente o custo de cada coisa, como água, energia elétrica, sabonete, aluguel e desodorante, entre outros itens.

Por exemplo, se uma pessoa precisa de R\$ 500,00 mensais para viver, ela deve dividir este valor pelo número de dias do mês. $R\$ 500/30 \text{ dias} = 16,60$ /24 (horas) = R\$ 0,69 vale a hora

PLANO DE NEGÓCIOS SOLIDÁRIOS

GESTÃO COLETIVA

A criação de acordos, ou até mesmo de Regimento Interno, contribuem para a fluidez e organização do coletivo. No Regimento Interno, estarão as regras do coletivo que já podem surgir desde a concepção do grupo. Aqui temos que prever como funcionará a produção, entrada e saída de novos sócios/as, divisão de sobras, atividades extras do grupo, comercialização, entre outros.

A produção do Regimento Interno tem de ser feita pelos integrantes do coletivo de forma consensual. É fundamental que o coletivo tenha um momento semanal ou, conforme a necessidade, para que todos/as possam participar do planejamento de produção e demandas. Isso implica em verificar estoque do produto final, estoque de insumos, atividades de comercialização, reuniões, entre outros. Além disso, é fundamental que mensalmente se tenha uma assembleia para avaliação e planejamento do mês seguinte.

O coletivo também pode formar Grupos de Trabalhos (GT) para otimizar demandas como compra de insumos, participação em espaços de comercialização e reuniões. Ter assembleias e reuniões registradas em

livro-ata, ou em um caderno simples, contribui para que todos os acordos feitos fiquem registrados e sirvam de material de consulta, sempre que houver dúvidas. Colocar um mural com calendário, agendas e compromissos em lugar visível, para que todos tenham acesso, facilita o compartilhamento das informações do coletivo. Não existe uma receita pronta, mas a garantia do sucesso depende do comprometimento de cada um.

GESTÃO DE NEGÓCIOS

Por se tratar de um empreendimento solidário, é necessário deixar claro a todos os membros do coletivo sobre todos os processos que estão envolvidos direta e indiretamente o negócio. Para isso, propõe-se que os membros participem e se revezam nos grupos de trabalho possibilitando que todos entendam todo o ciclo do negócio.

O desenvolvimento de um plano de trabalho consiste em planejar e definir cada etapa envolvida para que possa obter o resultado esperado.

Apesar disto, a viabilidade econômica de um empreendimento não deve ser medida apenas pelo aspecto econômico. O sucesso do empreendimento também deve ser medido pelos benefícios que ele produz para as pessoas que trabalham, para sua comunidade e até mesmo para toda a cidade, estado e país. Por exemplo, ao proteger um determinado bioma, uma comunidade indígena pode não gerar muitos recursos, mas está produzindo um benefício a médio e longo prazos para toda a humanidade. Por isso se diz que a economia solidária é uma outra economia, diferente da economia capitalista.

Dito isso, podemos descrever que a viabilidade econômica de um empreendimento vai depender de sua capacidade de produzir bens ou de prestar serviços de forma regular e contínua constituindo uma carteira de clientes que gerem de forma sistemática uma receita média mensal capaz de:

1. cobrir as despesas com os insumos;
2. cobrir as despesas diretas necessárias à produção;
3. cobrir as despesas indiretas necessárias à produção;
4. remunerar as/os trabalhadoras/es do empreendimento;

5. reservar um capital de giro para prospecção de novos clientes, fundo de reserva para despesas emergenciais, manutenção de equipamentos, etc.

EXEMPLO DE PLANO DE NEGÓCIOS

Como já vimos, os processos de decisão nos empreendimentos de economia solidária não nascem de uma ideia iluminada de um único participante. No geral, resulta de debates e discussões coletivas. Esses debates funcionam melhor quando eles buscam responder as perguntas certas.

COMERCIALIZAÇÃO

A comercialização é a parte chave de um empreendimento de economia solidária porque é quando se efetiva o objetivo do grupo ou empreendimento. Uma boa comercialização exige planejamento e capacidade de venda do produto. Para isso, há alguns passos fundamentais que precisam ser realizados para uma boa comercialização

CONHEÇA SEU CLIENTE: Estabeleça locais fixos de venda, se dedique em entender o perfil de consumo e as preferências e de um atendimento diferenciado.

CONHEÇA SEU BEM SEU PRODUTO: Pratique preço justo, mantenha a qualidade do produto. Importante que você conheça bem as qualidades e utilidades de seu produto ou serviço

TENHA UM BOM ATENDIMENTO AO PÚBLICO: A pessoa que irá proceder a venda deve ter capacidade de empatia com quem irá comprar. Ter um ambiente limpo, com presença da marca da empresa e fornecer canais de comunicação direta.

GARANTA QUALIDADE NA ENTREGA: que após a negociação efetivada, o produto seja entregue como foi apresentado e que o preço não sofra alteração. A confiabilidade do fornecedor é a melhor propaganda para futuras vendas.

DIVULGUE: Tenha canais diversos de comunicação com seu cliente, folders, banners, canais virtuais.

ESTABELEÇA UM CANAL DE COMUNICAÇÃO DIRETO COM SEUS CLIENTES FIXOS: Finalmente, tente descobrir como foram as experiências de seus clientes, quais as qualidades do produto e serviço que eles mais valorizam e quais as sugestões de melhorias eles apresentam.

BUSQUE INOVAR SEMPRE: Sempre que possível crie novidades/promoções que chamem atenção do consumidor.

CRIE VALOR: Com base nos princípios da EPS, agregue um valor ao seu produto com questões economia justa, inclusão sociais e ambientais. Onde seu cliente, prefira optar por consumir seu produto/serviço pela contribuição socioambiental que ele fornece.

COMÉRCIO JUSTO

O comércio justo no mundo definiu um selo através de certificadoras para as práticas que acompanham os produtos. Para tanto são observados 7 princípios básicos:

1. Solidariedade entre produtores e consumidores;
2. Eliminação de intermediários inúteis;
3. Auto-organização dos produtores, democracia participativa (autogestão);
4. Remuneração mais justa do trabalho para melhorar as condições de vida dos produtores;
5. Desenvolvimento comunitário;
6. Transparência no funcionamento da organização e nos intercâmbios comerciais;
7. Informação crítica sobre a desigualdade entre Norte e Sul e sobre as práticas de comércio internacional.

As práticas de comércio justo marcam também no Brasil um momento especial quando foi criado o sistema de comércio justo, e que reconhece o CADSOL como um processo de certificação dos empreendimentos de economia solidária.

Os processos de certificação avançam a partir de práticas como a criada pela Rede Ecovida, de certificação participativa e que hoje avança no território brasileiro e entra nos debates pelo mundo.

<https://youtu.be/1mEXhaKe5A8> - EXEMPLOS DE ECON.SOLIDÁRIA RECICLAGEM

https://youtu.be/a68G_5AFcX8 - COMO MONTAR NEGÓCIO

ATIVIDADE 06

Você saberia descrever as qualidades de cada uma das pessoas que trabalham contigo? Faça uma lista pessoal com as qualidades de cada um de seu grupo e depois faça uma lista das suas qualidades. Após, troque a lista com os demais e vejam de vocês realmente se conhecem e debatem sobre as suas potencialidades.

ATIVIDADE 07

MONTANDO UM PLANO DE NEGÓCIOS

I – SOBRE O PRODUTO E SERVIÇOS?

O que queremos produzir ou prestar?

Quanto temos capacidade de produzir e em que período de tempo?

Como e onde vamos produzir? Quem de nós sabe fazer o produto e/ou serviço?

II- SOBRE INVESTIMENTOS

O que necessitamos de equipamentos e maquinário?

Onde podemos produzir ou prestar o serviço?

Qual o custo necessário para iniciar a produção?

Quais as exigências legais para poder comercializar este produto?

SOBRE A PRODUÇÃO

Quantas pessoas são necessárias? Qual o tempo necessário?

Quais as matérias primas, onde podem ser encontradas, quanto custam?

Qual o capital necessário para as primeiras aquisições, qual prazo?

Há necessidade de garantias? Quem pode oferecer garantias?

III – SOBRE A COMERCIALIZAÇÃO

Quem precisa de nossos produtos e/ou serviços?

Quanto eles podem pagar pelos produtos e serviços?

Quanto custa produzir cada produto ou serviço?

Como iremos divulgar nossos produtos ou serviços?

Quem irá fazer a venda e a entrega?

SOBRE O MERCADO

Quantas outras empresas, grupos, cooperativas produzem e vendem este mesmo produto? Qual o tamanho delas?

Qual o preço médio dos produtos já comercializados?

Como eles divulgam?

ATIVIDADE 08

COMPOSIÇÃO DE CUSTOS

Vamos construir uma Planilha de Custos de um determinado produto ou serviço e projetar seus custos fixos e variáveis. Ao final, vamos tentar definir qual o preço deste produto ao consumidor.

CUSTOS VÁRIAVEIS

ITEM	QUANTIDADE	UNIDADE	CUSTO COMPRA	QUANT. PRODUZIDA	CUSTO UNITÁRIO
TOTAIS					

CUSTOS FIXOS

ITEM	QUANTIDADE	UNIDADE	CUSTO COMPRA	QUANT. PRODUZIDA	CUSTO UNITÁRIO
TOTAIS					

PREÇO MÍNIMO DO PRODUTO POR UNIDADE

CUSTO VARIÁVEL POR UNIDADE	CUSTO FICO POR UNIDADE	CUSTO TOTAL

III – Quantas pessoas estão comprometidas no empreendimento?

4. COMUNICAÇÃO E REDES E CADEIAS PRODUTIVAS

COMUNICAÇÃO

Este é uma das últimas etapas de planejamento, consiste em criar uma marca, uma identidade uma forma de apresentar o produto/serviço. Com Nome Fantasia, Logomarca, identidade visual. Enfim a forma como o empreendimento quer se apresentar para seus clientes e para a sociedade em geral. Nesta etapa é fundamental que todos participem, opinem e reflitam bem, pois a marca deve representar o coletivo. O espaço de comercialização deve remeter a marca sempre que possível e a mesma deve se fazer presente em seus clientes.

A produção de materiais de divulgação deve minimamente conter informações sobre o coletivo, sobre o produto e os contatos. Atualmente, as redes sociais são importantes aliadas para difundir a marca de empresas e vender produtos, se aproprie do comércio digital, quem sabe delegue para um membro do coletivo esta tarefa. Outro item fundamental é a criação de uma etiqueta com informações sobre o produto, contato e valor para facilitar a identificação e agilizar a comercialização. Para esta demanda também pode ser criado um responsável.

REDES E CADEIAS PRODUTIVAS

Os empreendimentos solidários possuem no seu processo de comércio justo, possuem lógica de articulação e trabalho e renda que possibilita alavancar os pequenos empreendimentos que muitas vezes possuíam ações locais.

Essa articulação dos empreendimentos econômicos solidários em redes e cadeias produtivas solidárias e sua participação na promovem um desenvolvimento regional de empreendimentos solidários que tem possibilitado que a economia solidária hoje tenha se tornado em uma grande produção econômica.

Muitas redes foram criadas e articuladas através de processos produtivos codependentes. Uma cadeia

produtiva solidária que estabelece uma rede de produtos/atividades inter-relacionados entre várias atividades de um sistema produtivo, identificada por fluxos de bens e serviços que ocorrem desde a produção e fornecimento da matéria-prima até o consumo final. O objetivo de uma cadeia produtiva solidária é a apropriação coletiva dos excedentes. Um exemplo prático, são as feiras regionais solidárias, onde um grupo de produtores se organizam em setores produtivos e participam coletivamente de feiras. Uma experiência exitosa de rede e cadeia produtiva e de comercialização é a Cadeia Produtiva Solidária Justa Trama.

Figura 5: A cadeia produtiva solidária da Rede Justa Trama



Chegar ao preço justo:

VALORES SOLIDÁRIOS

Fazer solidário tem como valor supremo a defesa da vida em todos os seus sentidos. Não é o lucro, a acumulação de riquezas materiais ou mesmo o crescimento eterno da renda das pessoas que estão no grupo que deve prevalecer. Mas a visão de que o empreendimento tem uma razão social, um papel para realizar na sociedade onde ele está inserido e que, este papel, sempre deverá ser cumprido de forma harmoniosa e solidária.

<https://youtu.be/RKxdeIY6H5A> - UNISOL - CADEIA PRODUTIVA

ATIVIDADE 09

Vamos pensar na identidade visual do seu coletivo.

Em grupos, elejam um representante para anotar as ideias e outro para apresentar para todos. Façam uma rodada de conversa livre sobre quais elementos devem conter na marca do grupo, quais as cores e formato. Juntos criem um logotipo e uma proposta de divulgação.

ATIVIDADE 10

Trabalhando em rede

Elenquem em grupo 5 empreendimentos que possam propor parcerias e que possam estabelecer redes de conexões e que agreguem ao empreendimento.

Quais valores devem possuir em comum com estes parceiros?

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Diálogos de Formação em Economia Solidária



MINISTÉRIO DO
TRABALHO
SUBSECRETARIA DE
ECONOMIA SOLIDÁRIA

